



ARTIGO

Plantas medicinais utilizadas no município de Palmeira das Missões, RS, Brasil

Caroline Battisti¹, Tanea Maria Bisognin Garlet^{2*}, Liliana Essi², Roberta Klein Horbach¹,
Andressa de Andrade³ e Márcio Rossato Badke³

Recebido: 14 de dezembro de 2012

Recebido após revisão: 01 de julho de 2013

Aceito: 30 de agosto de 2013

Disponível on-line em <http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/2457>

RESUMO: (Plantas medicinais utilizadas no município de Palmeira das Missões, RS, Brasil). O presente estudo consiste de um levantamento etnobotânico quali-quantitativo das plantas utilizadas como medicinais por moradores do município de Palmeira das Missões, Rio Grande do Sul. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com listagem livre das plantas e obtenção dos dados socioculturais. As espécies foram identificadas no local, com coleta de testemunhos sempre que possível. Os testemunhos foram depositados no herbário da UFSM/Palmeira das Missões. Foram registradas 128 espécies pertencentes a 53 famílias distintas. As famílias com maior número de espécies citadas foram Asteraceae e Lamiaceae. Foram registrados usos de espécies tanto nativas quanto exóticas. Os usos medicinais predominantes estão associados aos sistemas digestório, sanguíneo e respiratório, sendo as folhas as partes mais utilizadas na forma de chás por infusão e decocção. Houve predomínio de mulheres informantes (90%), em geral mais idosas (média superior a 55 anos), conforme já observado em outros estudos. Os resultados demonstram uma grande diversidade de espécies vegetais utilizadas, e o papel das plantas medicinais não apenas como agentes curativos/profiláticos da cultura popular, mas como uma forma de integração e cuidado mútuo nas comunidades.

Palavras-chave: etnofarmacologia, etnobotânica, fitoterapia, medicina popular.

ABSTRACT: (Medicinal plants used in Palmeira das Missões, RS, Brazil). This work describes an ethnobotanical quali-quantitative survey of medicinal plants used by the population living in Palmeira das Missões, Rio Grande do Sul, Brazil. The survey was conducted through semi-structured interviews, with spontaneous list of plants. Socio-cultural data were also recorded. The plants were identified in the local, and vouchers were collected always when possible, and deposited in the herbarium of UFSM/Palmeira das Missões. 128 species were registered, belonging to 53 plant families. The most cited families were Asteraceae and Lamiaceae. There were records of both native and exotic plant species. The most common uses were associated to the digestive, respiratory and blood systems. Leaf was the most commonly parts used, as tea by infusion or decoction. Women were the most common interviewers (90%), usually older (average 55 years old), as already found by other studies. The results show a huge plant species diversity used as medicinal, and highlight the role of medicinal plants not only as curative/preventive agents of popular culture, but also as vehicles of integration and people care inside the communities.

Key words: ethnopharmacology, ethnobotany, phytotherapy, popular medicine.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país com grande diversidade biológica e cultural e que conta, por isso, com um acúmulo considerável de conhecimentos e tecnologias tradicionais, entre os quais se destaca o vasto acervo de saberes sobre o manejo e utilização de plantas medicinais. Diversos grupos culturais recorrem às plantas como recurso terapêutico, sendo que, nos últimos anos, intensificou-se o uso como forma alternativa ou complementar aos tratamentos da medicina tradicional (Dorigoni *et al.* 2001).

O uso de plantas medicinais pode ser influenciado pela questão econômica, o alto custo dos medicamentos e o difícil acesso a consultas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), também pela dificuldade de locomoção daqueles que residem em áreas rurais ou pela tendência atual de utilização de recursos naturais como alternativa aos medicamentos sintéticos. As gerações mais antigas conservam

o conhecimento tradicional da utilização de espécies vegetais para o tratamento de problemas de saúde, pois os mais velhos tendem a conhecer mais sobre assuntos de interesse vital para a comunidade e são respeitados pelo seu saber. Reconhecendo a relevância da sabedoria tradicional, se faz necessária a sua preservação a fim de proteger o conhecimento da comunidade, que deve ser repassado ao longo de gerações e não se perder com o tempo (Amorozo 1996; Ventrúscolo & Mentz 2006).

A Organização Mundial de Saúde considera fundamental que se realizem investigações experimentais acerca das plantas utilizadas para fins medicinais e de seus princípios ativos, para garantir sua eficácia e segurança terapêutica (Santos *et al.* 2008). Além disso, no Brasil o Ministério da Saúde aprovou, em 2006, pela Portaria nº 648, a Política Nacional de Atenção Básica que inclui as plantas medicinais no SUS (Brasil 2006a) e, pelo Decreto nº 5.813 de 2006, a Política Nacional de

1. Acadêmicas do Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Maria/Centro de Educação Superior Norte do Rio Grande do Sul (UFSM/CESNORS).

2. Docentes do Departamento de Zootecnia e Ciências Biológicas, UFSM/CESNORS.

3. Docentes do Departamento de Ciências da Saúde, UFSM/CESNORS; Av. Independência, 3751, CEP: 98300-000, Palmeira das Missões, RS, Brasil.

* Autor para contato. E-mail: taneagarlet@hotmail.com

Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Esta última estabelece diretrizes e linhas prioritárias para o desenvolvimento de ações pelos diversos parceiros em torno de objetivos comuns voltados à garantia de acesso seguro e uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos em nosso país, ao desenvolvimento de tecnologias e inovações, assim como ao fortalecimento das cadeias e dos arranjos produtivos, ao uso sustentável da biodiversidade brasileira e ao desenvolvimento do complexo produtivo da saúde (Brasil 2006b).

O saber popular pode fornecer dados importantes para novas descobertas científicas e as pesquisas acadêmicas podem originar novos conhecimentos sobre as propriedades terapêuticas das plantas (Simões *et al.* 1988). Para registro, análise e preservação desses saberes se fazem necessários estudos etnobotânicos, relacionando as espécies utilizadas como medicinais por uma determinada população. Assim, esse trabalho tem por objetivo realizar um levantamento etnobotânico quali-quantitativo de espécies com propriedades medicinais no município de Palmeira das Missões, RS.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado em Palmeira das Missões, município situado na região norte do Rio Grande do Sul, localizado a 368 km de Porto Alegre, capital do Estado, com área de 1.471,4 km². O município apresenta 38.192 habitantes, distribuídos entre as áreas urbana e rural, cuja população é composta por várias etnias, não ocorrendo uma predominante. Sua atual base econômica é a agropecuária, com destaque para a produção de soja, trigo e gado leiteiro (segundo Prefeitura Municipal). As entrevistas foram realizadas na área urbana, sendo que a maioria dos entrevistados mantém algum vínculo com a área rural.

A coleta de dados foi desenvolvida no período de junho de 2011 a junho de 2012, por meio de entrevistas informais, abertas e semiestruturadas, com listagem livre das plantas, utilizando-se métodos quantitativos e qualitativos (Alexiades 1996; Garlet 2000; Vendruscolo & Mentz 2006), conforme modelo utilizado por Dorigoni *et al.* (2001) com adaptações. Os entrevistados foram informados individualmente, em uma linguagem acessível e clara, sobre os objetivos da pesquisa, quais seus benefícios à comunidade e sobre a não obrigatoriedade de participação. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Maria, constando a aprovação sobre o CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética): número 0045.0.243.000-11.

Durante as visitas, as informações foram registradas em caderno de campo, juntamente com a gravação de algumas entrevistas em gravador digital, com a autorização previamente solicitada ao entrevistado. A técnica de amostragem utilizada para seleção de informantes é conhecida como “bola de neve” (“Snow Ball”), uma amostragem intencional na qual os sujeitos envolvidos são selecionados a partir de indicações feitas pelos en-

trevistados da comunidade e pelos próprios informantes (Albertasse *et al.* 2010). A partir do contato inicial com a comunidade, um primeiro especialista é reconhecido, que passa a indicar outro especialista e assim sucessivamente, envolvendo todos os especialistas da comunidade, até que o ciclo se feche e novos especialistas não sejam mais apontados (Albuquerque & Lucena 2004).

As entrevistas foram realizadas nas áreas de abordagem das Estratégias de Saúde da Família (ESF) do município de Palmeira das Missões. As ESF representam a reorientação do modelo assistencial de saúde em nível de atenção básica no país, considerando os princípios do SUS (Sistema Único de Saúde) e garantindo uma nova dinâmica de atuação junto aos postos de saúde. Caracterizam-se como a porta de entrada da população ao sistema de saúde e trabalham com territórios de abrangência, que significam a área sob sua responsabilidade. O Ministério da Saúde recomenda que, no âmbito de abrangência da ESF, cada equipe seja responsável por uma área onde residam 600 a 1000 famílias, com o limite máximo de 4.500 habitantes. As equipes de saúde realizam o cadastramento das famílias através de visitas aos domicílios, segundo a definição da área territorial pré-estabelecida para esta descrição (Brasil 1997).

No município de Palmeira das Missões, das sete unidades (postos) de saúde apenas duas ainda não possuem implantada a ESF. Desta forma, optou-se por trabalhar com as cinco ESF em funcionamento, uma vez que, no decorrer da pesquisa, seria interessante contar com a figura do agente comunitário de saúde, profissional que faz parte da equipe da ESF e que mantém contato direto com a população através de visitas domiciliares. Desta forma, para a coleta de dados foram definidas as seguintes unidades de saúde: ESF I, localizada no bairro Vista Alegre onde foram feitas 20 entrevistas, ESF II localizada no bairro Lütz onde foram feitas 10 entrevistas, ESF III e IV localizadas no Centro Social Urbano onde foram feitas 21 entrevistas e na ESF V localizada no bairro Mutirão onde foram feitas 10 entrevistas, totalizando 61 entrevistas.

A partir do levantamento, foram quantificados o número de espécies citadas e suas indicações. A identificação das espécies foi feita no local, e, quando coletadas, as plantas foram identificadas por meio de bibliografia especializada e auxílio de especialistas. O material botânico foi fotografado *in loco* sempre que possível. A coleta das espécies dependia da sua disponibilidade na residência do entrevistado. Os exemplares coletados foram herborizados para incorporação ao herbário da UFSM, *campus* Palmeira das Missões, RS. A nomenclatura foi atualizada de acordo com a base de dados “Tropicos” (<http://www.tropicos.org>) e com a Lista de Espécies da Flora do Brasil (2012). Seis plantas não puderam ser identificadas por falta de material botânico e foram excluídas do levantamento.

O agrupamento das plantas seguiu o modelo utilizado por Albertasse *et al.* (2010), com adaptações na nomenclatura e a exclusão da categoria de usos místicos, com as espécies distribuídas em nove categorias de uso me-

dicinal: doenças associadas ao sistema digestório (ASD), doenças associadas ao sistema sanguíneo (SIS), doenças associadas ao sistema respiratório (ASR), doenças associadas ao sistema urinário (URG), doenças associadas a infecções, dor e febre (IDF), doenças associadas à pele (DAP), doenças associadas a problemas de mulheres (UG), doenças associadas ao sistema nervoso (SIN), problemas associados a doenças parasitárias (DP), e outras doenças.

Nos resultados, encontram-se apresentados os dados sobre a indicação terapêutica popular de cada planta com informações de uso, forma de preparo e parte utilizada, que foram ordenados alfabeticamente por família e nome científico, seguido pelos nomes populares e ocorrência - se Nativa do Rio Grande do Sul (NRS), Nativa de outras regiões do Brasil (NBR), Exótica (E) ou Cultivada (C).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os 61 entrevistados são considerados membros de uma sociedade tradicional, que se caracteriza pela transmissão do conhecimento de forma oral, feita pela socialização no interior do próprio grupo doméstico e de parentesco sem a interferência de instituições mediadoras. Geralmente, em sociedades tradicionais as mulheres tendem a dominar melhor o conhecimento sobre remédios destinados a tratar problemas específicos do sexo feminino e de crianças, com plantas que são cultivadas ou que crescem próximo a sua residência, enquanto que os homens, pelas suas próprias ocupações, tendem a distanciar-se mais da casa e a conhecer outros tipos de vegetação (Amorozo 1996), incluindo as plantas do mato.

Nesse levantamento, 90% dos entrevistados são do sexo feminino, essa predominância também foi observada por Vendruscolo & Mentz (2006). A faixa etária dos entrevistados que se dispôs a contar experiências e fornecer informações sobre as plantas empregadas como medicinais variou de 23 a 87 anos, sendo que 67% deles tinham mais de 55 anos. O resultado obtido foi similar ao observado por Vendruscolo & Mentz (2006), onde a faixa etária representativa foi de 40 a 70 anos. Em relação à idade, Amorozo (1996) cita que as gerações mais antigas conservam o conhecimento tradicional da utilização de plantas para o tratamento da saúde, pois à medida que os anos passam, os mais velhos tendem a entender mais sobre assuntos de interesse vital para a comunidade e são considerados pelo seu saber.

Segundo Ritter *et al.* (2002), as pessoas têm a necessidade de buscar substitutivos mais baratos nos cuidados à saúde, podendo ocasionar o uso errôneo de algumas espécies vegetais. No presente levantamento, observou-se que 88% dos entrevistados têm uma renda inferior a três salários mínimos. A utilização do método "Snow Ball" tem como consequência a indicação de indivíduos que fazem parte de uma mesma rede de relações, muitas vezes pertencentes a uma mesma classe social, por este fato não é seguro extrapolar que pessoas com menor renda façam mais uso de plantas medicinais.

O levantamento resultou em 128 espécies distribuídas em 53 famílias botânicas. As famílias com maior número de espécies foram Asteraceae (19), Lamiaceae (16) e Myrtaceae (6). Essas três famílias correspondem a 31% das espécies levantadas na pesquisa e também foram as mais representativas de outros levantamentos realizados no Rio Grande do Sul, conforme estudos no município de Coronel Bicaco (Kubo 1997), em Cruz Alta (Garlet 2000), em Dom Pedro de Alcântara (Marodin 2000), em Mariana Pimentel (Possamai 2000) e em Porto Alegre, no Bairro Ponta Grossa (Vendruscolo & Mentz 2006). As demais famílias botânicas com espécies citadas são: Apiaceae e Rutaceae (5); Fabaceae, Malvaceae e Rosaceae (4); Brassicaceae, Lauraceae, Solanaceae e Verbenaceae (3); Amaranthaceae, Amaryllidaceae, Bignoniaceae, Bromeliaceae, Cucurbitaceae, Lythraceae, Papaveraceae, Plantaginaceae, Poaceae, Polygonaceae, Pteridaceae, e Xanthorrhoeaceae (2); Alismataceae, Annonaceae, Araucariaceae, Arecaceae, Aristolochiaceae, Boraginaceae, Celastraceae, Convolvulaceae, Crasulaceae, Equisetaceae, Euphorbiaceae, Geraniaceae, Hydrangeaceae, Juglandaceae, Juncaceae, Moraceae, Musaceae, Myristicaceae, Passifloraceae, Phyllanthaceae, Phytolaccaceae, Piperaceae, Schisandraceae, Smilacaceae, Talinaceae, Theaceae, Urticaceae e Vitaceae, cada qual com uma espécie citada.

Os dados sobre a indicação terapêutica popular das espécies registradas no estudo, incluindo a parte utilizada, o uso e a forma de preparo, são apresentados a seguir, sendo ordenados alfabeticamente por família e nome científico, seguido pelo(s) nome(s) popular(es) e abreviatura da origem/ocorrência da espécie (NBR:=Nativa no Brasil, NRS= Nativa no Rio Grande do Sul, E= Exótica e C= Cultivada), conforme classificação de Garlet & Irgang (2001). As formas de preparo ou usos apresentados entre aspas representam informações transcritas conforme pronunciadas por entrevistados.

ALISMATACEAE

Echinodorus grandiflorus (Cham. & Schltl.) Micheli (chapéu-de-couro, NRS): folha; problemas no fígado, sangue; "chá feito por infusão".

AMARANTHACEAE

Alternanthera tenella Colla (bico-de-papagaio, NRS): folha; anador; "macera as folhas em uma xícara depois põe na cachaça de alambique".

Beta vulgaris L. (beterraba, E): raiz; hepatite; "comer".

AMARYLLIDACEAE

Allium cepa L. (cebola, E): "cabeça fresca"; coração, pressão; "um pouco na comida diariamente".

Allium sativum L. (alho miúdo, E): dente; dores no corpo, gripe, pressão alta, tosse, "solitária e vermes"; "coloca uns pedaços na água e toma em jejum", "comer nove dentes picados em lua minguante", "comer picado ou fazer chá", "passar na palma da mão, na planta do pé, mas tem que cuidar a lua".

ANNONACEAE

Annona neosalicifolia H.Rainer (araticum, NRS): folha; diabetes e hipertensão; “ferve”, “macera uma folha em uma xícara e faz o chá por infusão”, “tira o talo de três folhas e coloca em um litro de água”.

APIACEAE

Ammi visnaga (L.) Lam. (aipo, E): “cachopa”, flor, “vassoura”, “hastes”; febre alta, garganta, gripe, infecções em geral; “chá feito através de infusão, mas toma-se frio”, “ferve de cinco a seis ‘dentinhas’, mas tem de tomar frio”, “ferve por cinco minutos”, “infusão”, “põe na água fervente, mas não toma quente pois já é remédio quente, toma morno”, “um copo de 200 ml de água mais nove dentes deixa de molho por uma hora”.

Anethum graveolens L. (endro, E): semente; cólica, dor de estômago e gripe; “chimarrão”, “ferve as sementes com água”, “infusão e abafa”.

Foeniculum vulgare Mill. (funcho, E): folha, galho, ramos, sementes; aumentar o leite da mãe, cólica, cólica menstrual, colite, estufamento, gastrite, gripe, prisão de ventre, tosse; “chá fraquinho para as crianças”, “ferve durante 5 min. depois de pronto acrescenta mel”, “infusão com dois galhos pequenos”, “macera as folhas em uma xícara depois acrescenta água quente”, “mate doce”.

Petroselinum crispum (Mill.) Fuss. (salsa, E): caule, folha, galhos e raiz; anemia, bexiga, melhora a circulação sanguínea, menopausa e rins; “chá feito por infusão”, “tempero”, “três a quatro raízes por infusão”.

Pimpinella anisum L. (erva-doce, E): “fragmentos industrializados”, “sementinha”, “pó”; bom para os intestinos, gosto bom e labirintite; “chimarrão”, “coloca-se na cuia junto com a erva e acrescenta água”, “ferve com água as sementes”, “infusão”.

ARAUCARIACEAE

Araucaria angustifolia (Bertol.) Kuntze (pinheiro vermelho, NRS): casca; bronquite; “ferve todas as cascas durante 15 a 20 min., depois acrescenta mel e o aipo e ferve mais um pouco”.

ARECACEAE

Syagrus romanzoffiana (Cham.) Glassman (palmeira, coqueiro, coqueiro-vermelho, NRS): casca, flor; bronquite, hepatite B e sinusite; “ferve a água depois desliga e coloca dentro da água e abafa”; “ferve flor de palmeira e de açoita-cavalo, com pedaços de cravo, tudo com seis pregos enferrujados e acrescenta açúcar mascavo” (associação de três espécies).

ARISTOLOCHIACEAE

Aristolochia triangularis Cham. (cipó-milome, NRS): caule, galho, partes do cipó ou raiz; afinar o sangue, descongestionante, dor de barriga, dor de cabeça, dor de estômago e menopausa, problemas no fígado; “esquenta a água põe a folha em uma vasilha e tapa depois toma”, “ferve o cipó”, “lasca os pedacinhos e cozinha na água”.

ASTERACEAE

Achillea millefolium L. (pronto-alívio, C): folhas e galhos; gripe e tosse; “esquenta a água e coloca na xícara com um galho, espera esfriar pra tomar”, “infusão com quatro ou cinco folhas”, “ferve por cinco minutos e adoça com açúcar queimado, pra criança”.

Achyrocline satureioides (Lam.) DC. (marcela, macela, NRS): inflorescências; bronquite asmática, colesterol, cólica de bebê, desarranjo, diabetes, dor de estômago, dor de cabeça, febre, gripe, sinusite, tosse e tuberculose; “água fria, coloca a flor na xícara deixa descansar uma noite e no outro dia toma”, “bate uma gemada, ferve a marcela no leite e mistura”, “chá feito por infusão com 10 florzinhas”, “esquenta a marcela com azeite e passa na barriga do bebê”, “esquenta água na chaleira, coloca em cima dela na xícara e toma, uma florzinha quando sente dor”, “ferve a água e coloca em uma xícara e deixa com cinco folhas”, “ferve durante alguns minutos e depois acrescenta açúcar”, “ferve e toma frio”, “lava antes com água, coloca água quente em cima e toma entre quatro a cinco folhas”, “lava coloca ferver, peneira e coloca em uma xícara”, “no chimarrão coloca-se quatro flores”.

Artemisia absinthium L. (losna, E): folhas; dor de estômago, diarreia, fígado hipertensão; “amassa a folha e coloca na água gelada”, “lava antes com água, coloca água quente em cima e toma entre quatro a cinco folhas”, “infusão”.

Artemisia alba Turra. (canflor de horta, E): “cachopi-nha”; bom para o estômago, diminuir o cansaço e fígado; “põe em água fervente”.

Baccharis articulata (Lam.) Pers. (carqueja, NRS): folhas e galhos; diurética, dor de estômago, emagrecer, fígado e pressão alta; “coloca-se um pedaço pequeno no chimarrão”, “ferve e toma frio”, “usa-se três a quatro galhos por infusão”.

Bidens pilosa L. (picão preto, NRS): planta inteira; cura câncer; “infusão”.

Calendula officinalis L. (calêndula, E): toda a planta; alergia e cicatrizante; “coloca toda a planta dentro do álcool de cereais, deixa fechado 15 dias no escuro, depois coa e toma”, “infusão”.

Chamomilla recutita (L.) Rauschert (camomila, maçanilha, E): “flores secas”, folha; antibacteriano, baixa a pressão, calmante, cólicas, colírio, diurético, dor de estômago, dor de cabeça, emplastro de feridas, febre, gripe, gosto bom, infecção e radioterapia; “chá, ferve ele e esfria”, “coloca no mate por causa do gosto ruim da erva”, “faz o chá por infusão, molha a gaze e coloca em cima da ferida”, “ferve a água e coloca em uma xícara e deixa com uma colher de chá”, “meia colher põe na térmica do chimarrão”, “três flores, uma ou duas vezes por semana, um colher de chá até melhorar”.

Cichorium intybus L. (almeirão-do-mato, E): folha; infecção; “come junto com a salada”.

Cynara scolymus L. (alcachofra, E): folha; baixa a pressão, bronquite dor de estômago, fígado; “infusão”.

“um pedaço de uma folha quando tiver dor de estômago”, “salada”.

Gymnanthemum amygdalinum (Delile) Sch.Bip. ex Walp. (boldo da folha lisa, boldo-do-chile, figatil, NBR): folha; dor de estômago, fígado e náuseas; “água fervendo em cima, tapa e coa”, “esmaga a folha e põe na água fria”, “macera em um copo, depois acrescenta água fria e deixa descansar”.

Gochnatia polymorpha (Less.) Cabrera (cambará-do-mato, cambará, NRS): folha; para diminuir a fraqueza, problema nos pulmões; “coloca tudo (folha de cambará, casca de laranja seca e flores secas de maçanilha) dourar com açúcar, depois de douradinho acrescenta a cerveja-preta e guarda, toma no dia seguinte com consistência de xarope.”, “infusão”.

Mikania laevigata Sch. Bip. ex Baker (guaco, NRS): folha, folha sem o talo; gripe, reumatismo e tosse; “dois pedaços dentro da água quente, depois coloca meia folha”, “esquenta a água põe a folha em uma vasilha e tapa depois toma”, “infusão, depois adoça com mel”, “ferve a água e coloca em uma xícara e deixa (infusão) com três folhas”, “ferve cinco min., pode queimar o açúcar (criança)”.

Porophyllum ruderale (Jacq.) Cass. (picão-branco, NRS): planta inteira; gripe e tosse; infusão.

Pterocaulon polystachyum DC. (quitoco, NRS): folha; azia; “ferve a folha”.

Senecio brasiliensis (Spreng.) Less. (maria-mole, NRS): planta inteira; dor de ouvido; “aquece em uma forma e põe algumas gotas no ouvido”.

Sphagneticola trilobata (L.) Pruski (insulina, NRS): folha fresca; diabetes; “infusão com três a quatro folhas, uso diário até precisar”.

Tanacetum parthenium (L.) Sch. Bip. (artimija, E): galho; bronquite e cólica; “chá (não toma quando está menstruada)”.

Taraxacum officinale F.H. Wigg. (dente-de-leão, E): raiz; “barriga pesada” e diabetes; “infusão”, “macera a raiz e coloca na cachaça de alambique ou no álcool de cereais durante 30 dias depois toma”.

BIGNONIACEAE

Handroanthus impetiginosus (Mart. ex DC.) Mattos (ipê roxo, NBR): casca; bom em geral; infusão.

Pyrostegia venusta (Ker Gawl.) Miers (cipó-de-são-joão, NRS): “cachopa da flor e folha”; manchas do vitiligo; “faz infusão da planta com cachaça de alambique”.

BORAGINACEAE

Symphytum officinale L (confrei, E): folha; cicatrizante, dor de estômago, infecções diversas, lavar feridas, “peito atacado”; “esmaga na xícara com água fria”, “ferva as folhas e usa o chá frio para lavar feridas”, “ferve as folhas”, “pomada com mel de abelha, um litro de azeite de oliva, frita as folhas e mistura tudo”.

BRASSICACEAE

Brassica oleracea var. *acephala* DC. (couve, E): folha;

infecção; infusão.

Coronopus didymus (L.) Sm. (mentruz, NRS): planta inteira; esfolões e hematomas; “infusão”, “põe na cachaça com sal e afumenta”.

Nasturtium officinale W.T.Aiton (agrião, E): galho; para gripe; “colocar só um pouco de água ferver e adoçar com mel”, “na salada”.

BROMELIACEAE

Ananas comosus (L.) Merr. (abacaxi, NBR): fruta; bronquite e pedra nos rins; “cozinha com abacaxi e mel”, “usa um abacaxi e um litro de coca, bate no liquidificador e tomar durante o dia”.

Bromelia antiacantha Bertol. (caraguatá, NRS): raiz; bronquite; “ferve as plantas (caraguatá e avenca) depois acrescenta mel, canela e cravo e coa”.

CELASTRACEAE

Maytenus ilicifolia (Schrad.) Planch. (cancorosa ou espinheira-santa, NRS): folha e raiz; “afina o sangue”, cólica, colesterol, curativo do estômago, infecção e “limpa o sangue”; “dentro da água do chimarrão”, “fazer chá por infusão com quatro a cinco gramas usar o quanto for necessário”, “ferve três folhas”, “infusão”.

CONVOLVULACEAE

Ipomoea batatas (L.) Lam. (batata-doce, E): folha; abscesso nos dentes; “uma a duas folhas grandes para cada uma xícara de água, faz uma compressa e lava a boca”.

CRASSULACEAE

Sedum dendroideum Moc. & Sessé ex DC. (bálsamo ou gordinho, E): pedaços, infecção no ouvido.

CUCURBITACEAE

Cucurbita pepo L. (abóbora, E): semente; “expulsar os vermes”; “tritura as sementes ou torra”.

Sechium edule (Jacq.) Sw. (chuchu branco, C): folha; bom para o coração; “bota no mate”.

EQUISETACEAE

Equisetum hyemale L. (cavalinha, E): “galhos ou planta inteira”; colesterol, “cura cento e poucas doenças”, diabetes, diurética, emagrecedor, infecções na bexiga, infecção na garganta, infecções nos rins, lavar feridas, “limpa o sangue”, pedra nos rins, pressão alta, próstata e vesícula; “ferve mas toma gelado”, “ferve por uma hora”, “por infusão”.

EUPHORBIACEAE

Julocroton humilis Müll. Arg. (velame-do-campo, NRS): raiz vermelha e folha aveludada; circulação sanguínea, colesterol, infecção na próstata, triglicerídeos; “chimarrão”, “coloca-se um pedaço na água do chimarrão ou café”, “ferve fragmentos da raiz por 30 min. depois coa e toma por água”, “ferve a raiz seca e toma no chimarrão”.

FABACEAE

Apuleia leiocarpa (Vogel) J.F. Macbr. (gabriuva, NRS): casca; bronquite; “ferve todas as cascas durante 15 min. a 20 min., depois acrescenta mel e o aipo e ferve mais

um pouco. (associação de cinco espécies diferentes)”.

Bauhinia forficata Link. (pata de vaca, NRS): folha; circulação do sangue, diabetes, diurética; “chá ou no chimarrão”, “ferve as folhas”, “infusão”.

Erythrina crista-gali L. (corticeira, NRS): casca; anti-inflamatório; “ferve um pedaço de casca em um litro de água”.

Parapiptadenia rigida (Benth.) Brenan (angico vermelho / angico, NRS): casca; bronquite; “ferve todas as cascas durante 15 min. a 20 min., depois acrescenta mel e o aipo e ferve mais um pouco. (associação de cinco espécies diferentes)”.

GERANIACEAE

Pelargonium graveolens L'Hér. ex Aiton (malva cheirosa, E): folhas; inseticida; infusão (não pode tomar).

HYDRANGEACEAE

Hydrangea macrophylla (Thunb.) Ser. (hortênsia, E): folha; diabetes; não sabe como fazer o chá, um vizinho que usa.

JUGLANDACEAE

Carya illinoensis (Wangenh.) K. Koch. (nozes, E): casca; dor de estômago; “ferve e depois coloca no mate”.

JUNCACEAE

Juncus capillaceus Lam. (cabelinho de porco, capinzinho, NRS): folha; rins e bexiga; “ferve as folhas”.

LAMIACEAE

Cunila microcephala Benth. (poejo, NRS): folhas e galhos; bronquite, calmante para crianças, cólica de bebê, dor de barriga, dores nas pernas, gripe, resfriado, tosse; “chá bem fraquinho feito por infusão”, “coloca sobre a folha a água fervendo e depois mistura com açúcar queimado ou mel e bebe morno”.

Lavandula angustifolia Mill. (alfazema ou osmarim, E): ramos; dor de cabeça, menopausa e pressão alta; “chá por infusão e adoça com mel” “salada”.

Melissa officinalis L. (melissa, E): caule, folha e galho; calmante, para dar sono, porque gosta; “ferve de quatro a cinco folhas durante cinco minutos”, “infusão em meia xícara com três folhas”,

Mentha suaveolens Ehrh. (hortelã-branca ou hortelã-graúda, E): folhas; calmante, gripe, infecção no sangue, hipertensão, porque gosta, tosse; “ferve com leite três a quatro talos”, “infusão”, “macera três folhas em um copo, acrescenta água quente, tampa até esfriar e toma”.

Mentha x piperita L. (hortelã-pimenta ou hortelã-preta, E): “ramos”, “talo + folha”; anti-inflamatório, cicatrizante, “mata os vermes”; “infusão”, “esquenta a água, mas não deixa ferver e abafa as folhas”.

Mentha x villosa Huds. (hortelã, E): folha; calmante, dor de barriga, vermes; “água fervente sobre as folhas, acrescenta mel ou açúcar queimado”, “esmaga e dá para a criança cheirar”, “esmaga a folha, coloca na água fria”, “infusão”, “infusão em uma xícara com três folhas”, “ferve

a água e coloca a planta em emulsão (sempre)”, “ferve com leite três a quatro talos”, “macera três folhas em um copo, acrescenta água quente, tampa até esfriar e toma”.

Minthostachys mollis (Kunth.) Griseb. (melissa, C): folha; calmante; infusão.

Ocimum basilicum L. (alfavaca, E): folha; dor de cabeça, hemorroida, tosse; “ferve as folhas na água”, “infusão”, “usado frequentemente no chimarrão”.

Origanum majorana L. (manjerona, E): folha, flores, galhos e talo; bexiga, cólicas de bebê, cólica menstruais, dor de barriga, dor de ouvido, gripe, nervos, rins, tempero; “esquentar com azeite e colocar no ouvido”, “ferve as folhas”, “frita com azeite e espalha pela barriga”, “infusão”, “tempero”.

Peltodon longipes A. St.-Hil. ex Benth. (elixir de baicuru, NRS): ramos; cólica e reumatismo; faz chá por infusão (difícil de encontrar).

Plectranthus barbatus Andrews. (boldo, E): folha; dor de estômago, emagrecedor e fígado; “amassa e põe na água gelada”, “esquenta a água quente em cima”.

Rosmarinus officinalis L. (alecrim, E): folhas e galhos; alergia, bexiga, circulação sanguínea, coração, diminui a hipertensão, nervos, rins e trombose; “amassa a folha e faz o chá por infusão”, “quatro a cinco folhas em uma xícara de água fervida”, “tempero para frango”.

Salvia microphylla Kunth. (anador, E): folha; calmante; “três a quatro folhas, nunca se toma chá muito forte”.

Salvia officinalis L. (sálvia, E): folha; calmante, febre, fígado, garganta, gripe, e menopausa, tempero, tosse; “coloca água fervente em cima de uma ou duas folhas para uma xícara de água”, “tempero”.

Stachys byzantina C. Koch (cataflan, pulmonária, E): folha; fortifica o pulmão e infecção; “infusão”, “ferve água e coloca a água fervida em cima e tampa. em cinco min. está pronto”.

Vitex megapotamica (Spreng.) Moldenke (trauma, NRS): casca e folha; bronquite, colesterol, diabetes, infecção e triglicérides; “chimarrão”, “ferve a água depois desliga e coloca dentro da água e abafa, pode guardar na geladeira”, “lava bem e ferve de três a cinco min.”, “infusão”.

LAURACEAE

Cinnamomum camphora (L.) J. Presl (canfora, E): folha; diminuir o cansaço; “água fervendo em cima, tapa e coa”.

Cinnamomum zeylanicum Blume (canela, E): casca ou pó; bom para o organismo e gripe; “chá com canela e mel”, “ferve na água”.

Persea americana Mill. (abacateiro, E): folha; “afina o sangue”, bexiga, diabetes, gota, problemas no coração; “cozinhar”, “infusão”, “no chimarrão”, “uma folha em uma xícara de água por infusão, e toma todos os dias”.

LYTHRACEAE

Cuphea carthagenensis (Jacq.) J.F. Macbr. (sete sangrias, NRS): melhora a circulação sanguínea.

Punica granatum L. (romã, E): casca ou galho; “cura

câncer”, diarreia, dor de barriga e dor de garganta; “ferve a casca com água e toma frio”, “infusão”.

MALVACEAE

Luehea divaricata Mart. (açoita-cavalo, NRS): casca; bronquite; “ferve todas as cascas durante 15 min. a 20 min., depois acrescenta mel e o aipo e ferve mais um pouco. (associação de cinco espécies diferentes)”.

Malva parviflora L. (malva cheirosa ou malva, E): folha e caule; afta, anti-inflamatório, bexiga, cicatrizante, dor de dente, dores de garganta, feridas, feridas no útero, infecção, problemas nos rins e sapinho; “faz chá e passa na ferida”, “ferve durante cinco minutos 10 folhas em 150 ml de água”, “infusão coloca na geladeira e toma por água”, “infusão com cinco folhas”.

Sida rhombifolia L. (guanxuma, NRS): broto; dor de estômago e laxante; “infusão”, “mastiga o broto”.

Waltheria douradinha A. St.-Hil. (douradinha, NRS): raiz seca; dor de estômago; “dois a três pedaços na água fria, ou no chimarrão”.

MORACEAE

Ficus carica L. (figo, E): folha e fruto; dores musculares e dor de barriga; “coloca o figo no álcool e usa isso para afumentar as pernas”, “ferve as folhas”.

MUSACEAE

Musa x paradisiaca L. (bananeira, E): folha; queimaduras; infusão.

MYRISTICACEAE

Virola surinamensis (Rol. ex Rottb.) Warb. (noz-moscada, NBR): adquirido no comércio; dor de estômago e gosto bom; “coloca-se na cuia junto com a erva e acrescenta água”, “rala e come pó”.

MYRTACEAE

Campomanesia xanthocarpa Mart. ex O. Berg (guavirova, NRS): folha e fruto; colesterol, diurético e diabetes, triglicerídeos; “chá para o chimarrão”, “ferve dentro da chaleira, guarda na geladeira e toma por água”.

Eucalyptus globulus Labill. (eucalipto cheiroso, eucalipto, E): folha; gripe; infusão.

Eugenia uniflora L. (pitanga, NRS): folha; diarreia e dor de barriga; “macera na xícara e larga água fervendo em cima, depois cõa”, “infusão com quatro a cinco folhas”, “ferve as folhas”.

Psidium cattleianum Sabine (araçá amarelo, NRS): folha, estabilizador da pressão; “três a quatro folhas para cada xícara de água”.

Syzygium aromaticum (L.) Merr. & L.M. Perry (cravo, E): pedaços; sedativo e tosse; “ferve o cravo com a manjerona e toma frio”.

Syzygium cumini (L.) Skeels (jambolão, E): folha ou fruto; diabetes; “folhas na água quente”, “por infusão, guarda na geladeira”.

PAPAVERACEAE

Chelidonium majus L. (iodo, E): folha; dor de estômago; “macera”.

PASSIFLORACEAE

Passiflora edulis Sims. (maracujá, NRS): casca; diabetes; “mistura na comida a casca triturada”.

PHYLLANTACEAE

Phyllanthus tenellus Roxb. (quebra-pedra, NBR): folhas, galhos, pó comprado; bexiga, dor na coluna, ossos e problemas nos rins; “chimarrão”, “ferve a água, abafa e coloca o chá”, “pacote no copo e coloca água nele, e deixa esfriar pra tomar, toma uns goles três vezes ao dia”.

PHYTOLACCACEAE

Petiveria alliacea L. (guiné, NRS): folha e raiz; abortivo, hematomas, dor de cabeça, dor de dente, hemorrágico e pressão alta; “infusão, afumentar machucados. raiz com álcool para dor de dente”, “infusão, põe sal e faz gargarejo”.

PIPERACEAE

Piper umbellatum L. (pariparova, NBR): folha; abortivo, colesterol, hemorroida pasmótica, infecção urinária, “purifica e afina o sangue”; “esquenta a água põe a folha em uma vasilha e tapa depois toma”, “faz chá por infusão com duas folhas e toma quente”, “ferve a água, larga a folha abafa depois toma”, “infusão”.

PLANTAGINACEAE

Plantago australis Lam. (transagem de horta, NBR): planta inteira; antibiótico, candidíase, diurética, infecção na garganta e infecções; “infusão”, “fazer compressa da folha”.

Plantago major L. (transagem, E): planta inteira; anti-inflamatório, antibacteriano, antibiótico, bom para o sangue, cicatrizante, diminui a barriga, dor de estômago, infecções, infecções na garganta, infecções urinárias e problemas de ovário; “chá feito por infusão”, “esquenta a água e coloca na xícara, espera esfriar para tomar um galho”, “ferve as folhas frescas”, “ferve durante cinco min. 10 folhas em 150 ml de água”, “infusão com dois pedaços da planta”, “tora a planta, depois acrescenta água”.

POACEAE

Cymbopogon citratus (DC.) Stapf (cidreira, E): folha; baixa a pressão, calmante, diarreia, dor de cabeça, febre e gripe; “lava bem a folha, esquenta a água, mas não deixa ferver e abafa as folhas”, “pega as folhas e bate no liquidificador e bebe frio como suco”.

Saccharum officinarum L. (cana, E): folha fresca; pressão alta; “infusão com dois pedaços, uso esporádico”, “ferve uma folha deixa esfriar e toma. ferve de manhã e toma no dia, depois joga fora”.

POLYGONACEAE

Muehlenbeckia sagittifolia (Ortega) Meisn. (salsaparilha, NRS): folhas, “limpar o sangue”.

Polygonum hydropiperoides Michx. (erva de bicho, NRS): raiz; feridas no útero e sarna; “colocar na água e tomar banho”, “ferve e toma frio”.

PTERIDACEAE

Adiantum sp. (avenca, NRS): raiz; bronquite e pulmões; “ferve a raiz”.

Adiantopsis chlorophylla (Sw.) Fée (samambaia-do-talo-roxo, NRS): “palma toda”; artrite reumatoide; “ferve por 15 minutos”.

ROSACEAE

Eriobotrya japonica (Thunb.) Lindl. (ameixinha-de-inverno / ameixa-amarela / ameixa, E): folha; bronquite, cólica, gripe, normaliza a pressão; “infusão”, “só coloca água quente em cima”, “tira o talo da folha e coloca na panela com água quente em cima”.

Fragaria vesca L. (moranguinho, E): folha e fruto; anemia e infecção crônica; “chá da folha ou come o fruto”, “ferve as folhas”.

Pyrus malus L. (maçã, E): fruta inteira; vitamina; “descasca a maçã, lava a casca, pica a maçã, mais cravo e canela e ferve por quinze minutos”.

Rosa x alba L. (rosa branca, E): “miolo”; problemas nos rins; “sete miolos de rosas em um litro de água, ferve tudo e deixa na geladeira vai tomando aos poucos”.

Rubus brasiliensis Mart. (amoreira vermelha, NRS): folha; dor de cabeça; “no chimarrão”.

RUTACEAE

Citrus aurantiifolia (Christm.) Swingle (limeira, E): folha; hipertensão e gripe; “macera na xícara e larga água fervendo em cima, depois coa”, “tira o talinho ferve a folha por cinco min. e coloca na térmica do chimarrão”.

Citrus limon (L.) Osbeck (limão, E): fruta; anemia; “lava bem a casca do ovo depois coloca o suco de limão por cima até desmanchar a casca, e tem que tomar o pó junto com o suco de limão”.

Citrus reticulata Blanco (bergamota, E): folha, folha sem o talo; analgésico, baixa a pressão, calmante, cólica de bebê, dor de cabeça, gripe e insônia; “chimarrão”, “ferve as folhas e bota açúcar”, “infusão com quatro folhas sem o talo”, “tira o talo e coloca a metade da folha na xícara com água quente”.

Citrus sinensis (L.) Osbeck (laranjeira, E): flor, folha e fruto; calmante, dor de cabeça, enxaqueca, febre, gripe, processo alérgico e tosse; “caramelizar o fruto”, “ferve com açúcar mel e canela”, “mastiga um pedacinho quando tem dor”, “tira o talo e ferve as folhas”, “mastiga um pedacinho da parte branca da laranja quando tem dor de cabeça”, “nove folhas, meia casca e um fruto, por infusão”.

Ruta graveolens L. (arruda, E): galho (folha) fresca; dor de cabeça; “infusão”, “só coloca atrás da orelha pra cheirar. um galho durante o dia inteiro”.

SCHISANDRACEAE

Illicium verum Hook. F. (anis estrelado, E): flor, folha e fragmentos industrializados; digestivo, gosto bom, gripe e problemas nos rins; “dentro da água do chimarrão”, “na cuia do chimarrão”.

SMILACACEAE

Smilax sp. (japacanga, NBR): [parte não informada] cura câncer, “chá por infusão”.

SOLANACEAE

Brunfelsia australis Benth. (primavera, NRS): [parte não informada] reumatismo, “infusão”.

Solanum mauritianum Scop. (fumeiro-do-mato, NRS): [parte não informada] gripe, pontada e tosse; “infusão”.

Solanum paniculatum L. (jurubeba, NRS): folha; fígado; “folha com água fervente”.

TALINACEAE

Talinum paniculatum (Jacq.) Gaertn. (erva gorda, NRS): planta inteira; dor de ouvido; “aquece e põe o líquido no ouvido”.

THEACEAE

Camellia sinensis (L.) Kuntze (chá-verde, E): adquirido no comércio; diminui a barriga; “chá feito por infusão”.

URTICACEAE

Urtica baccifera (L.) Gaudich. ex Wedd. (urtigão do mato, NRS): raiz; problemas na bexiga; “ferve”.

VERBENACEAE

Aloysia citrodora Ortega ex Pers. (cidró de árvore ou cidró, C): folhas; dor de cabeça, gosto bom, má digestão, para tosse, “substitui o café”, “água fervente sobre a folha”, “chimarrão”, “esquenta a água mas não ferve, coloca três folhas por xícara”, “infusão”, “lava antes com água, coloca água quente em cima e toma entre quatro a cinco folhas”.

Aloysia gratissima (Gillies & Hook.) Tronc. (ervinha da colônia, sete pontadas, erva da colônia, erva colônia, E): folhas, galhos; anemia, dor de estômago, febre, tosse, “pra tudo”, parasitas, gripe e tireoide; “água fervendo em cima, tapa e coa, toma no chimarrão”, “chá doce com água quente”, “ferve a água, larga na xícara, deixa esfriar e toma”, “infusão”.

Stachytarpheta cayennensis (Rich.) Vahl (gervão, NRS): folha, caule e raiz; colesterol, dor de estômago, fígado, gosto bom e vesícula; “esmagar e colocar na água fria”, “planta seca: ferve com água, planta fresca: põe na água fervendo e abafa”, “infusão”.

VITACEAE

Vitis vinifera L. (parreira, E): folha; produção de hormônios na menopausa; “infusão”.

XANTHORRHOACEAE

Aloe arborescens Mill. (babosa doce ou babosa, E): folha; calos, cicatrizante, diabetes, dor, hidratar os cabelos, infecção, úlcera no estômago; “bater no liquidificador e tomar com mel”, “corta a folha no meio e põe sobre a pele para cicatrizar”, “descasca a folha e põe na água fria e toma”, “passa no cabelo”.

Aloe vera (L.) Burm. f. (babosa ou aloe vera, E): folha; cicatrizante, hidratar os cabelos e infecções; “abre a folha no meio e faz compressa”, “bater no liquidificador e tomar com mel”, “passa no cabelo”.

ZINGIBERACEAE

Hedychium coronarium J. König (gingibre, gengibre da flor branca, E): raiz, rizoma; alergia, dor na garganta, emagrecedor e infecções na bexiga; “ferve 40 min. e mistura com outras folhas”, “mascar os pedacinhos”, “na salada ou masca os pedacinhos do rizoma”, “pica a raiz e cozinha com açúcar para fazer bala”, “rala a raiz e caramela com açúcar”, “seca e depois faz chá”.

O uso de plantas nativas e exóticas nas preparações evidencia a influência de diferentes culturas no município, o qual é composto por descendentes de diferentes etnias: indígena, africana e europeia. Da pesquisa, resultaram espécies exóticas (53%), nativas no Rio Grande do Sul (39%), nativas no Brasil (5%) e espécies cultivadas (3%). Dentre as espécies nativas, destacam-se em número de citações: *Achyrocline satureioides* (Lam.) DC., a marcela, que é a planta medicinal símbolo do estado do Rio Grande do Sul, *Cunila microcephala* Benth, o poejo, e *Mikania laevigata* Sch. Bip. ex Baker, o guaco. As plantas exóticas apresentaram destaque em seu uso, devido ao fato dessas espécies terem sido trazidas ao Brasil durante o período de colonização, tais como *Chamomilla recutita* (L.) Rauschert, a camomila ou maçanilha; *Plantago major* L., a tansagem ou transagem; *Equisetum hyemale* L., a cavalinha; *Plectranthus barbatus* Andrews, o boldo; *Origanum majorana* L., a manjerona.

Observando a procedência das plantas que os entrevistados utilizavam como medicinais, predominou a obtenção das plantas medicinais a partir do cultivo em casa, tanto do próprio entrevistado quanto de vizinhos ou de parentes (66%), indicando que o cultivo doméstico é essencial para a preservação e transmissão do conhecimento etnobotânico, corroborando com estudos de Pilla et al. (2006), Giraldo & Hanzaki (2010) e Silva & Bündchen (2011). Além disso, algumas plantas são obtidas em campos ou matas (23%) e outras são adquiridas no comércio (11%).

Presenciou-se o cultivo de espécies exóticas (67%) e nativas (33%), podendo se destacar dentre as nativas: *Plantago australis* Lam., *Stachytarpheta cayennensis* (Rich.) Vahl e *Eugenia uniflora* L.; dentre as exóticas destacam-se: *Mentha* spp., *Rosmarinus officinalis* L. e *Plectranthus barbatus* Andrews. O cultivo nas residências constitui a principal forma de obtenção de plantas de uso medicinal, especialmente em comunidades mais expostas a sociedade moderna e com menor acesso a áreas de vegetação nativa. Este é um processo fundamental para a conservação das espécies vegetais de uso medicinal, mas em comunidades rurais ou geograficamente distantes dos grandes centros urbanos o uso de plantas nativas obtidas nas matas ou de crescimento espontâneo pode suplantá-las o uso de cultivadas e exóticas (Amorozo 2002). O maior uso de espécies exóticas pode ser resultado do menor conhecimento da flora nativa por parte da população urbana.

Conforme Ming et al. (2012) as espécies adquiridas no comércio possuem uma importância econômica significativa para agricultores da região sul, como por exemplo,

Cymbopogon citratus (DC.) Stapf, *Melissa officinalis* L., *Mentha x piperita* L. e *Rosmarinus officinalis* L., sendo essas plantas incluídas na Resolução RDC Nº10, de 9 de março de 2010 que dispõe sobre o uso de drogas vegetais junto à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA 2010).

Assim como observado nos estudos de Garlet & Irgang (2001) e Silva & Bündchen (2011), os entrevistados não fazem distinção entre as doenças, os sintomas, os órgãos e os resultados esperados. Os termos sobre utilizações das plantas foram reproduzidos conforme mencionados pelos informantes, como por exemplo: “pra gripe”, “pra bronquite”, “pro pulmão”, “dor no peito”, “limpa o sangue”, “abaixa pressão”.

A análise dos grupos de plantas adaptada de Albertasse et al. (2010) conforme categorias de uso medicinal da classificação, resultou nos seguintes percentuais: 18% associados ao sistema respiratório (ASR), 17% ao sistema sanguíneo (SIS), 14% associados ao sistema digestório (ASD), 9% associados ao sistema nervoso (SIN), 8% associados ao sistema urinário, 7% associados a infecções, dor e febre (IDF), 5% associados à pele (DAP), 5% associados a problemas de mulheres (UG), 2% associados a doenças parasitárias (DP), 15% são associados a outras doenças, o que inclui “cura câncer”, “bom em geral”, “fratura de ossos” e “dores musculares” entre outras.

Referindo-se a problemas associados ao sistema digestório, observa-se na maior parte das vezes a utilização da planta com sabor amargo e o preparo em água fria, fato esse constatado pela fala dos entrevistados: “dor de estômago só com chá frio”. Por outro lado, o tratamento de problemas associados ao sistema respiratório é predominantemente com espécies de gosto agradável, o preparo é feito em água quente e adoçado com açúcar ou mel.

As folhas são as partes vegetais mais utilizadas (52%) e a provável explicação para isso, se dá pelo fato de estas serem de fácil coleta e estarem disponíveis no decorrer do ano, dado evidenciado também nos estudos de Garlet & Irgang (2001), Marodin & Baptista (2001), Vendruscolo & Mentz (2006), Santos et al. (2008) e Silva & Bündchen (2011). Em seguida aparecem as flores/inflorescências (15%), ramos/galhos (14%), raízes (6%), sementes (3%), cascas (3%), frutos (2%), em alguns casos foi mencionada a utilização de toda a planta (5%), como, por exemplo, o menstroz, *Coronopus didymus* (L.) Sm., a calêndula, *Calendula officinalis* L. e a maria-mole, *Senecio brasiliensis* (Spreng.) Less..

Alguns informantes mencionaram diferentes partes de uma mesma planta para mesmos usos, como o *Foeniculum vulgare* Mill. (funcho), que tem os ramos e as sementes utilizadas para “aumentar o leite da mãe e em chazinho é bom para cólica de criança”. *Achillea millefolium* L. (pronto-alívio): que as folhas e os galhos são utilizados para “diminuir a tosse e curar da gripe”. Por outro lado, algumas citações indicam diferentes partes de uma mesma planta para tratar diferentes males, como por exemplo, o *Aristolochia triangularis* Cham. (cipó-milome): que teve indicações do uso da raiz como descongestionante

e do galho para “passar a dor de barriga”. O *Julocroton humilis* Müll. Arg. (velame-do-campo) teve citações da utilização de raiz para tratar infecções na próstata e o uso da folha para controlar os níveis de colesterol.

Dentre as formas mais utilizadas para o uso das plantas medicinais observa-se uma predominância de chás, esse sendo preparados por infusão (51%), decocção (21%), no chimarrão (9%) ou em forma de maceração (4%) conforme referido por Ventrúscolo & Mentz (2006), sendo feitos também xaropes (4%), tinturas (4%), compressas (3%), pomadas (1%), e o consumo *in natura* (5%). Banhos e inalações somaram menos de 1% dos usos.

A tradição do povo do estado do Rio Grande do Sul tem forte influência sobre o consumo do chimarrão, sendo esse um hábito frequente. Por diversas vezes, é feito o acréscimo de outra espécie vegetal ao chimarrão, como exemplo, *Chamomilla recutita* (L.) Rauschert., camomila; *Pimpinella anisum* L., erva-doce; *Equisetum hyemale* L., cavalinha; *Illicium verum* Hook., anis-estrelado; e *Aloysia citrodora* Ortega ex. Pers., o cidrô.

Os preparados que combinam diferentes plantas são regionalmente conhecidos como “xaropadas” e aparecem com frequência nos levantamentos. As combinações podem restringir-se a plantas em número variado, ou a compostos onde podem ser acrescidos mel-de-abelha, própolis, azeite-de-oliva, álcool de cereais, açúcar e outros ingredientes que fazem parte da credence popular, reforçando os resultados encontrados por Ventrúscolo & Mentz 2006, Santos *et al.* 2008, Albertasse *et al.* 2010.

A forma de preparo do xarope referida por 26% dos entrevistados corresponde ao cozimento de várias plantas com o mesmo fim terapêutico, sendo este, geralmente, ligado ao sistema respiratório, em muitos casos com a adição de mel ou açúcar para este adquirir consistência. Pode-se citar como exemplo a associação de *Parapiptadenia rigida* (Benth.) Brenan (angico vermelho), *Luehea divaricata* Mart. (açoita-cavalo), *Apuleia leiocarpa* (Vogel) J.F. Macbr. (gabriuva), *Araucaria angustifolia* (Bertol.) Kuntze (pinheiro vermelho) e *Ammi visnaga* (L.) Lam. (aipo) em que o entrevistado referiu-se ao uso da seguinte forma “para curar a bronquite, tu pega as cascas e ferve de 15 a 20 minutos, depois tu coloca o aipo e o mel daí ferve mais um pouco”. Outro exemplo é a associação entre *Nasturtium officinale* W. T. Aiton (agrião), *Allium sativum* L. (alho-miúdo), *Mikania laevigata* Sch. Bip. ex Baker (guaco) e *Coronopus didymus* (L.) Sm. (menstruz) para “limpar o pulmão da gripe”, onde o entrevistado citou como modo de preparo “ferve tudo com água, depois cõa, põe mel e toma”.

Com relação à nomenclatura popular, observou-se que vários nomes de plantas são de remédios alopatóicos usados rotineiramente, como por exemplo: *Alternanthera tenella* Colla denominada como “anador”, *Stachys byzantina* C. Koch – “cataflan”, *Chelidonium majus* L. – “iodo”, *Sphagneticola trilobata* (L.) Pruski – “insulina”, *Gymnanthemum amygdalinum* (Delile) Sch. Bip. ex Walp – “figatil” e *Sedum dendroideum* Moc. & Sessé ex DC. – “bálsamo”. Outros nomes possuem conotação

religiosa *Pyrostegia venusta* (Ker Gawl.) Miers – “cipó-de-são-joão”, *Maytenus ilicifolia* (Schrad.) Planch. – “espinheira-santa”. Fato que corrobora com o trabalho de Garlet & Irgang (2001) em levantamento de espécies medicinais na região de Cruz Alta, RS.

A partir do estudo, conclui-se que o uso das plantas medicinais faz parte da cultura popular do município e, frequentemente, é utilizado para auxiliar no alívio e/ou cura de sintomas ou doenças. O estudo também contribuiu no conhecimento da flora regional, no resgate sócio-cultural, bem como para a integração entre a comunidade local e o meio acadêmico. Por fim, é importante enfatizar que estudos sobre plantas medicinais também constituem uma etapa importante da bioprospecção, auxiliando na seleção de plantas-alvo para investigações farmacológicas.

AGRADECIMENTOS

Aos moradores da área urbana do município de Palmeira das Missões, que participaram da pesquisa, aos agentes de saúde e enfermeiros, responsáveis das Estratégias de Saúde da Família do município de Palmeira das Missões, e à Pró-reitoria de Pesquisa da UFSM, pela concessão de bolsas FIPE Júnior e FIPE ARD.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. 2010. Resolução-RDC n. 10, de 9 de março de 2010. Dispõe sobre as notificações de drogas vegetais junto a agência nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 10 de março de 2010. Seção 1, p. 52-59. Disponível em: <http://www.mp.sp.gov.br/portal/page/portal/cao_consumidor/legislacao/leg_saude/leg_sau_anvs/Resol-Anvisa.pdf>. Acesso em 09 de outubro de 2012.
- ALBERTASSE, P.D., THOMAZ, L.D. & ANDRADE, M.A. 2010. Plantas medicinais e seus usos na comunidade da Barra do Jucu, Vila Velha, ES. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*, 12(3): 250-260.
- ALBUQUERQUE, U.P. & LUCENA, R.F.P. (Orgs.). 2004. *Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica*. Recife: Ed. Livro Rápido/NUPEEA. 189p.
- AMOROZO, M.C.M. 1996. Abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: Di Stasi, L. C. (Org.) *Plantas medicinais: arte e ciência*. Um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: UNESP. p. 47-68.
- ALEXIADES, M.N. 1996. Collecting ethnobotanical data: an introduction to basic concepts and techniques. In: ALEXIADES, M.N. (Ed.) *Guidelines for ethnobotanical field collectors*. New York: The New York Botanical Garden. p. 53-94.
- AMOROZO, M.C.M. 2002. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. *Acta Botanica Brasílica*, 16: 189-203.
- BRASIL. 2006a. Ministério da Saúde. Portaria nº 648, de 28 de março de 2006. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes e normas para a organização da Atenção Básica para o Programa Saúde da Família (PSF) e o Programa Agentes Comunitários de Saúde (PACS). *Diário Oficial da União [da República Federativa do Brasil]*, Brasília, seção 1, n. 61, 2006a, p. 71.
- BRASIL. 2006b. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. *Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos*/ Ministério da Saúde, Secretaria de ciência, Tecnologia e Insumos estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. Brasília: Ministério da Saúde, 2006b. 60p.

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. *Saúde da Família: uma estratégia para a reorientação do modelo assistencial*. Brasília, 1997.
- DORIGONI, P.A., GHEDINI, P.C., FRÓES, L.F., BAPTISTA, K.C., ETHUR, A.B.M., BALDISSEROTTO, B., BÜRGER, M.E., ALMEIDA, C.E., LOPES, A.M. & ZÁCHIA, R.A. 2001. Levantamento de dados sobre plantas medicinais de uso popular no município de São João do Polêsine, RS, Brasil. I – Relação entre enfermidades e espécies utilizadas. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais* 4(1): 69–79.
- GARLET, T.M.B. 2000. *Levantamento das plantas medicinais utilizadas no município de Cruz Alta, RS, Brasil*. 2000. 220p. Dissertação (Mestrado em Botânica) – Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- GARLET, T.M.B. & IRGANG, B.E. 2001. Plantas medicinais utilizadas na medicina popular por mulheres trabalhadoras rurais de Cruz Alta, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, 4(1): 9–18.
- GIRALDI, M. & HANAZAKI, N. 2010. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão. *Acta Botanica Brasilica*, 24(2): 395–406.
- KUBO, R.R. 1997. *Levantamento das plantas de uso medicinal em Coronel Bicaco, RS*. Porto Alegre, 163p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Botânica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- MARODIN, S.M. 2000. *Plantas utilizadas como medicinais no município de Dom Pedro de Alcântara, Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 413 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Botânica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- MARODIN, S.M. & BAPTISTA, L.R. de M. 2001. O uso de plantas com fins medicinais no município de Dom Pedro de Alcântara, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, 4(1): 57–68.
- MING, L.C., FERREIRA, M.I. & GONÇALVES, G.G. 2012. Pesquisas agrônomicas das plantas medicinais da Mata Atlântica regulamentadas pela ANVISA. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, 14: 131–137.
- PILLA, M. A. C., AMOROZO, M. C. M. & FURLAN, A. 2006. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, 20(4): 789–802.
- POSSAMAI, R.M. 2000. *Levantamento etnobotânico das plantas de uso medicinal em Mariana Pimentel, RS*. Porto Alegre, 108 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Botânica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- RITTER, M.R., SOBIERAJSKI, G.R., SCHENKEL, E.P. & MENTZ, L.A. 2002. Plantas usadas como medicinais no município de Ipê, RS, Brasil. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, 12(2): 51–62.
- SANTOS, M.R.A., LIMA, M.R. & FERREIRA, M.G. 2008. Uso de plantas medicinais pela população de Ariquemes, em Rondônia. *Horticultura Brasileira*, 26(2): 244–250.
- SILVA, J. A. & BÜNDCHEN, M. 2011. Conhecimento etnobotânico sobre as plantas medicinais utilizadas pela comunidade do Bairro Cidade Alta, município de Videira, Santa Catarina, Brasil. *Unoesc & Ciência – ACBS*, 2(2): 129–140.
- SIMÕES, C.M.O., MENTZ, L.A., SCHENKEL, E.P., IRGANG, B.E. & STEHMANN, J.R. 1988. Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS. 173p.
- VENDRÚSCOLO, G.S. & MENTZ, L.A. 2006. Levantamento etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. *Iheringia, Ser. Bot.*, 61(1-2): 83–103.